

O CONHECIMENTO ANCESTRAL DOS POVOS ORIGINÁRIOS EM APOIO AO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

THE ANCESTRAL KNOWLEDGE OF ORIGINAL PEOPLES IN SUPPORT OF COPING WITH THE CLIMATE CRISIS

EL CONOCIMIENTO ANCESTRAL DE LOS PUEBLOS ORIGINALES EN APOYO AL ENFRENTAMIENTO DE LA CRISIS CLIMÁTICA

LE SAVOIR ANCESTRAL DES PEUPLES ORIGINAUX POUR FAIRE FACE À LA CRISE CLIMATIQUE

Edenilson Sebastião¹

¹Autor pertence à etnia Terena, cacique da Aldeia Kopenoti da Terra Indígena de Araribá, Avaí - SP e Geógrafo pela Universidade do Sagrado Coração, Bauru - SP. Atua como assessor parlamentar do Deputado Federal Ivan Valente – PSOL – SP. E-mail: chicaoterena@gmail.com.

As mudanças climáticas são definidas pela ONU (2024) como “as transformações, a longo prazo nos padrões de temperatura e clima do planeta terra”.

Tais mudanças vem causando impactos significativos em escala global e afetam negativamente a biodiversidade, a qualidade de vida e a saúde das populações humanas, animais e das demais formas de vida; impactam todos os biomas e ecossistemas do planeta.

Os anciões indígenas já previam e sentiam que um dia chegaria o fim dos seres humanos, porque homem tem a ganância de exaurir os recursos naturais em nome do acúmulo de riqueza e em busca da modernidade e expansão das tecnologias no mundo, causando o que podemos chamar de “aquecimento global antropogênico”, responsável pelas mudanças climáticas.

A mitigação das mudanças climáticas envolve aspectos ambientais, sociais e econômicos e requerem um novo modo de pensar e de interagir com o mundo, baseado na sustentabilidade e na inclusão social, conforme nos ensinam os nossos ancestrais indígenas.

Os anciões Terena, etnia indígena brasileira pertencente ao grupo maior dos Guanás, têm um papel importante nesse processo, pois trazem consigo conhecimento milenares, que são passados de geração em geração, ensinando que não é preciso explorar toda a terra economicamente, mas sim, tirar apenas o sustento da nossa comunidade.

O modo de vida, as relações sociais e ambientais da comunidade indígena da Terra Indígena Araribá nos oferece bons exemplos para adiarmos o fim do mundo, conforme aventado por Krenac (2017).

A Terra Indígena (TI) Araribá ocupa uma área de 1.930,33 hectares no município de Avaí/SP. Situa-se na Área de Proteção Ambiental do Rio Batalha/ APA Rio Batalha, uma unidade de conservação de uso sustentável estadual. A gestão da unidade de conservação é feita pela Fundação Florestal e possui parceria com a comunidade indígena no desenvolvimento de atividades socioambientais.

É uma terra compartilhada pelas etnias Guarani, Guarani Ñandeva, Terena e Kaingang, que ocupam as aldeias Nimuendaju, Ekeruá, Tereguá, Kopenoti.

Trata-se de um território tradicionalmente ocupado, reservado através do Decreto Estadual 2.371-F, de 28/04/1913 e demarcada em 1985.

A homologação ocorreu em 1991 com a edição do Decreto Presidencial 308, devidamente registrada no 1º CRI de Bauru – SP.

A homologação é a última etapa do processo de regularização das terras indígenas e assegura que os povos originários podem usufruir de forma plena e exclusiva dos recursos naturais, conforme prevê a Constituição Federal; o que, de fato se observa em Araribá. A segurança jurídica, proporcionada pelo justo reconhecimento ao território dos povos ancestrais é um fator determinante para a prosperidade das aldeias.

Porém, atualmente esse status fundiário não se verifica em todas as terras indígenas do Brasil, que vêm sendo ameaçadas por expedientes espúrios por parte do atual poder legislativo federal brasileiro. Como exemplo podemos citar a Lei 14.701/23.

Esta lei, promulgada pelo Congresso Nacional em janeiro de 2024 só admite a demarcação de terras indígenas que já estavam ocupadas ou eram disputadas pelos povos originários até 5 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição Federal.

Nos dizeres da coordenadora da Frente Parlamentar em Defesa dos Povos Indígenas, deputada Célia Xakriabá (Psol-MG), citada por Agência Câmara de Notícias (2024): “O marco temporal é uma tese anticivilizatória de país, é premiar ladrões de terras indígenas e uma derrota para toda a humanidade. Acabamos de sair da COP (COP29 realizada em novembro de 2024 na cidade de Baku no Azerbaijão), e nós, povos indígenas, somos tidos como uma das últimas soluções para barrar a crise climática”.

A comunidade indígena de Araribá vem crescendo nas últimas décadas, conforme se observa no Quadro 1.

Quadro 1. Crescimento da comunidade indígena de Araribá.

Ano	População na Terra Indígena	Fonte
2022	649	IBGE
2014	616	Siasi/Sesai
2013	587	Siasi/Sesai
2010	527	Funai/Litoral Sudeste
2010	567	Siasi/Funasa
2008	572	Siasi/Funasa
2004	585	Funai
1998	436	Funai/Bauru
1994	380	Funai

Fonte: Instituto Socioambiental (ISA), (2024).

Esse incremento populacional de 170% em aproximadamente 3 décadas na TI Araribá é um dado relevante, dado que, conforme Castro e Silva *et al.* (2022), desde a invasão dos europeus até o momento atual, houve redução de cerca de 99% da população indígena brasileira.

O município de Avaí/SP é o município com maior população indígena no Estado de São Paulo e a comunidade é bastante representativa regionalmente; divulgando sua cultura e seus valores para a sociedade dos brancos.

A comunidade da Terra Indígena de Araribá mantém roças para a subsistência e plantio de mandioca para comercialização. Desenvolve ainda atividades de piscicultura, pecuária de corte e leite, além de artesanato.

Possui também profissionais na área da saúde e da educação que atuam exclusivamente no território e, muitos jovens ainda residentes nas aldeias são estudantes universitários. A população é muito dinâmica social e economicamente, mantendo seus saberes, sua língua e seus valores.

Em 2023 a TI passou a contar com uma equipe para combate aos incêndios florestais, vinculada ao governo federal, formada exclusivamente por moradores indígenas das aldeias.

Os incêndios florestais são bastante comuns na região devido à alta suscetibilidade no período da seca, e tem grande potencial de devastação dos ambientes naturais e a brigada de incêndios cumpre um papel importante de prevenção e enfrentamento nestes eventos.

Além deste vetor de degradação, a TI Araribá enfrenta outros problemas ambientais, como por exemplo erosão dos solos, problemas com saneamento básico, matas ciliares do Rio Araribá também parcialmente degradadas e outros vetores de pressão em áreas contíguas.

A TI está situada na microbacia hidrográfica do rio Araribá– que corta o território longitudinalmente – e deságua no rio Batalha. O rio, suas nascentes e pequenos córregos presentes na bacia são fator de identidade socioambiental e cultural para os moradores das aldeias. No passado existia um grande volume de água limpa e, também, pesca farta para consumo das comunidades. Atualmente percebe-se assoreamento e a redução no nível da água que tem sido contaminada por agrotóxicos utilizados na prática agrícola em áreas vizinhas, tornando a pesca uma atividade muito prejudicada.

O modo de vida da comunidade indígena de Araribá é intrinsecamente amiga dos ambientes naturais e em acréscimo a essa característica, no enfrentamento às mudanças climáticas vêm sendo desenvolvidos projetos e adotadas medidas ambientais de caráter preventivo, corretivo ou compensatório, bem como as medidas potencializadoras.

Conforme Hans-Otto Pörtner, co-presidente do Grupo de Trabalho II do IPCC (ONU, 2024), existem opções para se adaptar às mudanças climáticas.

O autor indica que “Ecossistemas mais saudáveis são mais resilientes às mudanças climáticas e proporcionam serviços críticos para a vida, como alimentos e água limpa”. E ainda: “Ao restaurar ecossistemas degradados e efetivamente e equitativamente conservando entre 30 e 50% do território da terra, de fontes de água e de habitats oceânicos, podemos acelerar o progresso rumo ao desenvolvimento sustentável, mas adequar o apoio financeiro e político é essencial”.

Nesse sentido, no ano de 2017 o Instituto para Defesa do Meio Ambiente Indígena (IDMAI) em parceria com o Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO) e com o Instituto Pró-terra promoveu plantios de restauração das matas ciliares em três nascentes e às margens dos afluentes do rio Araribá. Outras ações de restauração dos ambientes naturais degradados na TI seguem sendo adotadas.

Podemos citar os trabalhos de Educação Florestal e reflorestamento estão sendo realizado em parceria com SOS Mata Atlântica, APA Rio Batalha/Fundação Florestal, FUNAI e Grupo de Observadores de Aves(GOA) de Bauru. Os alunos das escolas possuem uma sólida formação em conservação ambiental, aliando o conhecimento de seu povo com o aprendizado de técnicas de restauração e conservação ambiental, botânica, observação e identificação de aves, etc..

No primeiro semestre de 2024 a escola indígena Kopenoti realizou o evento “Atividade pedagógica e de integração socioambiental na APA Rio Batalha/Fundação Florestal”,

com plantio de inúmeras mudas de Araribá e diversas espécies florestais, inclusive com o plantio de mudas com potencial para uso em artesanato terena e guarani. Neste contexto, a restauração florestal do homem branco incluiu mais um importante critério para o sucesso do plantio, qual seja a identidade e a valorização cultural e social das árvores.

Uma atividade de caráter continuado em Araribá é a conscientização da prevenção e combate aos incêndios florestais, além de palestras nas escolas envolvendo as crianças e professores indígenas.

No ano de 2021 a comunidade indígena visitou a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA Instrumentação de São Carlos – SP) na busca de soluções para equacionar os problemas de saneamento, o que resultou em uma ação emergencial feita pela SABESP.

Os caciques da TI e técnicos da SESAI têm obtido o apoio da Prefeitura de Avaí para tornar a comunidade indígena dotada de esgotos 100% tratados.

A “Associação Cultura Viva, Expressão Nativa Kopenoti”, formado por artesões indígenas e professores da escola da aldeia vem desenvolvendo o projeto de Etnoturismo de Base Comunitária, conduzindo visitantes dos municípios da região em trilhas ecológicas desenvolvidas pela associação.

Em conclusão, pela significativa atuação na conservação e restauração dos ambientes naturais e no desenvolvimento de atividades educativas de caráter ambiental a Terra Indígena Araribá / TI Araribá tem se tornado um exemplo regional no enfrentamento das mudanças climáticas.

Um outro aspecto a ser destacado é que ações eficazes contra as mudanças climáticas exigem uma boa relação, coordenação e colaboração com países em todo mundo. Entretanto, os países estando em conflitos e fomentando as guerras, comprometem a busca de consenso nas inúmeras Conferências do clima realizadas nas últimas quatro décadas.

E, este é outro exemplo histórico dado pelos povos originários de Araribá. Até 1932 o território Araribá era povoado exclusivamente pelo grupo tupi-guarani. Entretanto, com o objetivo de salvaguardar a TI que estava sendo invadida por fazendeiros que desmatavam para produção cafeeira, vieram de Mato Grosso do Sul membros da etnia Terena.

Desde então, a integração entre parentes foi tão exitosa que deu origem às aldeias Tereguá, resultante da fusão entre Terenas e Guaranis.

A Terra Indígena Araribá recebeu, em data mais recente, famílias Kaingangs, vindas de Dourados, que também já estão integrados à dinâmica socioambiental da comunidade. Assim, a comunidade indígena de Araribá, de origens tão diversas, com famílias linguísticas distintas (Aruak, Guarani e Jê) mostra a grande sabedoria de convivência harmônica, respeito e partilha de território entre diferentes povos.

A capacidade de compartilhar saberes e trabalhar coletivamente, de forma sistemática, organizada e formal é outro exemplo importante das aldeias de Araribá. Temos em nossa comunidade sete organizações com diferentes temas e configurações. O

Quadro 2 mostra, de acordo com ISA (2024):

Quadro 2. Organizações das aldeias de Araribá.

Organização	Sigla
Associação Comunitária dos Artesãos da Reserva Indígena de Araribá	ACARIA
Associação Comunitária Indígena Guarani - Posto Indígena Araribá	
Associação das Mulheres Indígenas do Centro-Oeste Paulista	AMICOP
Associação Renascer em Apoio à Cultura Indígena	ARACI
Coletivo de Mulheres Indígenas da TI Araribá	
Cooperativa Agrícola e de Alimentos Indígenas	COAPYGUA
Instituto de Defesa do Meio Ambiente Indígena	IDMAI

Fonte: Instituto Socioambiental (ISA), 2024.

Mais recentemente foram constituídas outras associações muito atuantes: a “Associação Cultura Viva, Expressão Nativa Kopenoti”, e também a “Associação dos Agricultores Familiares Indígenas”, que busca o resgate da agricultura indígena e dos padrões alimentares tradicionais.

Esse modo de vida socialmente integrativo coaduna com Kopenawa (2010), líder yanomami que explicita as diferenças entre a cultura ocidental e a do seu povo e conclui que há “lugar neste planeta para todos os povos e todas as culturas conviverem e que há diversos povos que não abrem mão de um modo de vida mais sintonizado com o com o cosmo natural e com o espírito da floresta”.

De acordo com Castro (2023) que estudou os textos de 2017 de nosso parente Ailton Krenak, devemos fazer uma “reflexão importante: a de que esse processo de acumulação primitiva contemporâneo envolve não apenas formas de expropriação de riquezas econômicas, mas também de expropriação de riquezas culturais e da própria riqueza do existir, a riqueza existencial da humanidade, a riqueza de estar vivo, de dar sentido à vida em sociedade e de dotar a própria vida de sentido”.

O Brasil terá uma experiência importante para discussão sobre mudanças climáticas, com a realização da COP-30. A participação do movimento indígena, dos povos indígenas e movimento social organizado, deverá ter uma participação de destaque nesse processo e temos bons exemplos para apresentar.

Os seres humanos não conseguiram ou não querem entender que o planeta pede socorro, que grandes empreendimentos vêm causando desastres ambientais em todos os biomas.

Os povos indígenas têm manifestado preocupação com a saúde da Terra há muito tempo e não somos ouvidos pelos governantes.

Que nós, os povos ancestrais do Brasil possamos resgatar o “sentido à vida em sociedade e dotar a própria vida de sentido”.

Referências

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **Congresso promulga o marco temporal para terras indígenas, mas polêmicas seguem na Justiça**. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/1029997-congresso-promulga-o-marco-temporal-para-terras-indigenas-mas-polemicas-seguem-na-justica/%2003/01/2024>>.

CASTRO E SILVA, MARCOS ARAÚJO; FERRAZ, TIAGO; M. COUTO-SILVA, CAINÃ; B. LEMES, RENAN; NUNES, KELLY; COMAS, DAVID; HÜNEMEIER, TÁBITA. Population Histories and Genomic Diversity of South American Natives, **Molecular Biology and Evolution**, volume 39, issue 1, january 2022, msab339. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/molbev/msab339>>

CASTRO, KASANDRA CONCEIÇÃO. KRENAK, Ailton. 2017. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras. 104 p. In: **Mana** 29(2): e2023032, 2023. <https://doi.org/10.1590/1678-49442023v29n2e2023032.pt>

FEIJÓ, JULIANNE HOLDER DA CÂMARA SILVA. A capacidade civil indígena. **Direitos Fundamentais & Justiça**. Ano 8, nº 28, p.209-228, Jul./Set. 2014

KOPENAWA, DAVI; ALBERT, BRUCE. **A queda do céu**. Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Cia. das Letras, 2015 [2010].

KRENAK, AILTON. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São paulo: companhia das letras, 2017.

ONU. **Mudanças climáticas: ameaça ao bem-estar humano e à saúde do planeta**. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/173693-mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas-amea%C3%A7a-ao-bem-estar-humano-e-%C3%A0-sa%C3%Bade-do-planeta>>. 2024.

TERRA INDÍGENAS. **Terra Indígena Araribá**. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3599>>. [s.d.].

TERRA INDÍGENAS. **Demografia**. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3599#demografia>> [s.d.]



Artesanato Terena, da Aldeia Kopenoti - Terra Indígena de Araribá, Avai - SP.
Crédito: Irineu Njhea Terena.